

Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação¹

*The integralists confronting the Estado Novo (New State):
euphoria, disappointment and subordination*

Gilberto Calil*

Recebido e aprovado em julho e aprovado em setembro de 2010

Resumo:

Este artigo problematiza a relação estabelecida pelos integralistas – em especial seu “Chefe”, Plínio Salgado – com Getúlio Vargas e o Estado Novo, discutindo o apoio dos integralistas ao Golpe de 1937, a proibição de funcionamento da AIB, os levantes armados de 1938 e, especialmente, as reiteradas tentativas de reaproximação com Vargas empreendidas por Salgado entre 1939 e 1945, interpretadas como reveladoras de uma postura subordinada.

Palavras-chave:

Integralismo; Estado Novo (1938-1945); Plínio Salgado.

Abstract:

This article discusses the relationship established by the Brazilian Integralists – especially their “Leader” Plínio Salgado – with Getúlio Vargas and the *Estado Novo*, discussing the Integralist support of the Coup of 1937, the banning of activities of the *AIB* (Brazilian Integralist Action party), the armed uprisings of 1938, and especially, the repeated attempts at rapprochement with Vargas undertaken by Salgado between 1939 and 1945, interpreted as indicating a subordinate position.

Keywords:

Integralism; Estado Novo (1938-1945); Plínio Salgado.

1 Este artigo foi produzido a partir de algumas seções integrantes do segundo capítulo de CALIL, Gilberto. *O Integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa*. 819f. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

* Doutor em História Social (UFF). Professor Adjunto do Curso de História e do PPGH da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Gilberto Calil é autor de *O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP, 1945-1950*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001 e *Integralismo e hegemonia burguesa: o PRP no processo político brasileiro*. Cascavel: Edunioeste, 2010. Contato: gilbertocalil@uol.com.br

Apresentação

Durante os meses que antecederam o golpe de Estado que inaugurou o Estado Novo, o movimento Integralista passou a apoiar ativamente o governo Vargas e seu projeto de centralização política. Para tanto, contribuía não apenas através da disseminação de sua ideologia antiliberal, antipartidária e de defesa de um “Estado forte”, mas também através de manifestações concretas em favor de Vargas. Como aponta Stanley Hilton, “o curso dos acontecimentos em 1937 insinua a existência de um entendimento, pelo menos tácito, entre o Governo e o Partido [integralista]”, os quais “pareciam aproximar-se cada vez mais nas cruciais semanas que antecederam a implantação da ditadura em novembro de 1937”.² Para ele, naquele momento havia uma clara mudança da estratégia Integralista, expressa na “disposição de Salgado em apoiar as autoridades federais”.³ De fato, o próprio Salgado relatou em depoimento ao DOPS, em fevereiro de 1939, ter se reunido com Vargas em setembro de 1937, passando desde então a “manter-se em colaboração com o General Gaspar Dutra, por intermédio do General Newton Cavalcanti”.⁴ O ponto máximo desta colaboração foi a marcha Integralista ocorrida em 1º de novembro de 1937, cuja pretensão era ser, ao mesmo tempo, uma demonstração de força do movimento e de seu apoio a Vargas. A marcha passou em frente ao Hotel Glória, de onde Salgado passou os integralistas em revista, e encerrou-se saudando Vargas em frente ao Palácio do Catete. Seu êxito é controverso: Ivan Alves afirma que “mais de 50.000 integralistas, civis e militares, desfilaram pelo centro da cidade”, o que teria feito Vargas sentir “a necessidade de liquidar com o movimento que poderia vir a ameaçar a estabilidade do seu governo”.⁵ José Nilo Tavares afirma que “cerca de 40 mil integralistas desfilam, uniformizados e protegidos por militares simpatizantes”.⁶ Para Silva e Carneiro, “os integralistas procuravam reproduzir a ‘marcha

2 HILTON, Stanley. A Ação Integralista Brasileira: o fascismo no Brasil, 1932-1938. In: *O Brasil na crise internacional*. Rio de Janeiro: Cultura Brasileira, 1977, p. 45-46.

3 Idem, p. 44.

4 Apud. BRITO, Giselda. No Entre Guerra, a situação dos integralistas na implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas. *Projeto História*, São Paulo, n. 30, jun. 2005, 229-241, p. 238.

5 ALVES, *Os nossos super-homens*: nem notívagos nem marinheiros, são os integralistas que chegam. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1982, p. 99.

6 TAVARES, José Antonio Giusti. *A estrutura do autoritarismo brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 212.

sobre Roma', dos fascistas, e anunciavam uma concentração de 50 mil homens. Na verdade, havia dez mil'.⁷ Por sua vez, Hilton avalia que é exatamente o pouco êxito da marcha que estimulou Vargas a esmagar o Integralismo:

Vargas mandou colocar agentes nas ruas para contar os desfilantes e sua conta só chegou a 17.000, incluindo mulheres e crianças. 'O presidente assim descobriu que a força deles fora exagerada', escreveu o embaixador norte-americano. 'E que se agisse logo, poderia esmagá-lo'.⁸

Na preparação do golpe, Salgado teria oferecido sua milícia a Vargas, bem como o apoio dos militares integralistas.⁹ Na realidade, o apoio militar Integralista não era necessário e certamente não interessava a Vargas, uma vez que o tornaria refém do Integralismo. Assim, concretizou-se o golpe de Estado, sem maiores resistências e com o apoio Integralista.

O Integralismo frente ao Estado Novo

Concretizado o golpe, o sentimento entre os integralistas era de júbilo e expectativa, uma vez que acreditavam que teriam importante papel na nova ordem.¹⁰ Salgado, em carta enviada a Vargas após a proibição da AIB, chegou a admitir que sua expectativa era de que o Integralismo seria a base do novo regime:

Perguntei qual seria na nova ordem, a situação da Ação Integralista Brasileira, ao que o Dr. Francisco Campos respondeu que ele seria A BASE DO ESTADO NOVO, acrescentando naturalmente que o INTEGRALISMO teria que ampliar os seus quadros para receber todos os brasileiros que quisessem cooperar no sentido de criar uma grande corrente de apoio aos objetivos do Chefe da Nação. (...) Eu

7 SILVA, Hélio & CARNEIRO, Maria Cecília. *Os presidentes: Getúlio Vargas – O Estado Novo 1937-1945*. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983, p. 26.

8 HILTON, *Op. cit.*, p. 55.

9 Cf. SILVA & CARNEIRO, *Op. cit.*, p. 63.

10 Brito sustenta que "a articulação do Integralismo no golpe do Estado Novo foi ato de alguns indivíduos, não se podendo afirmar que os integralistas apoiaram o golpe. Em Pernambuco, no dia seguinte ao golpe, as correspondências entre os núcleos eram muito tensas e não havia a euforia afirmada por alguns analistas do período". BRITO, *Op. cit.* p. 237. Ainda assim, acreditamos que ao menos no que se refere à direção Integralista – e em especial ao próprio Salgado – o apoio foi efetivo e a expectativa no imediato pós-golpe era muito positiva.

tinha a impressão de que se iria formar uma União Nacional de que o Integralismo seria o cerne.¹¹

O primeiro discurso de Vargas depois do golpe começa a frustrar suas expectativas: Salgado se decepciona ao perceber que nele “não houve uma palavra de carinho para o Integralismo ou os integralistas”.¹² Ainda assim, no dia seguinte ao Golpe, Salgado manifestou seu apoio, afirmando que se tornara impossível proteger o país dentro do sistema constitucional.¹³ Fausto Irschlinger, referindo-se ao norte do Rio Grande do Sul, confirma que os integralistas não se sentiam ameaçados com a nova ordem: “prova de que os integralistas da região não se abalaram de forma exagerada com os primeiros momentos do Estado Novo foi a inauguração das novas instalações na sede do núcleo central de Passo Fundo, em novembro de 1937”.¹⁴ Ainda assim, de acordo com Hilton,

Embora externamente as relações entre o Governo e a AIB parecessem completamente harmoniosas, dentro dos conselhos do partido havia sérias dúvidas. (...) Porta-vozes do Integralismo estavam, na realidade, divididos em torno da questão da cooperação com o Governo, de fato, uma maioria se opunha a tal colaboração.¹⁵

A posição pública do movimento naquele momento era expressa pelo jornal *Integralista O Povo*:

Nós estamos, onde sempre estivemos: com o sr. Getúlio Vargas, com a Nação. (...). Ao seu lado, igualmente, postaram-se forças ponderáveis da Nação, prestigiando-lhe o Governo, a fim de que ele pudesse enfrentar a situação, salvar o país de uma luta inglória e prejudicial e sanear o ambiente, colocando o Brasil em condições de ingressar na realidade do momento nacional e universal, com suas instituições adaptadas aos seus problemas e às suas necessidades.¹⁶

11 Carta do Chefe Nacional da Ação Integralista Brasileira ao Senhor Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República em 28 de janeiro de 1938. In: SALGADO, Plínio. *O Integralismo brasileiro perante a nação*, Lisboa: Editora Gráfica Nacional, 1946, p. 81-105, p. 89 e 92. Os trechos destacados em maiúscula são do original.

12 Idem, p. 95.

13 HILTON, *Op. cit.*, p. 47.

14 IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: o Integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001, p. 203.

15 HILTON, *op. cit.*, p. 46 e 49.

16 Busca-se irritar os integralistas. *O Povo*. Rio de Janeiro, 12.1937, p. 3. O mesmo jornal

Entre o final de novembro e o início de dezembro, no entanto, a conjuntura tornou-se rapidamente desfavorável aos integralistas: Vargas deixou claro que o cancelamento do registro dos partidos políticos atingiria também a AIB, oferecendo a Plínio Salgado, como compensação, o Ministério da Educação. A 28 de novembro, Vargas e Salgado teriam se encontrado, de acordo com relato do último em reunião do Supremo Conselho e da Câmara dos Quarenta da Ação Integralista Brasileira:

Esta reunião é a última registrada no livro de atas da Câmara dos Quarenta, e não chega a definir a posição do movimento. De acordo com Edgard Carone, naquele momento,

Grande parte dos integralistas estão determinados a aceitar o novo estado de fato, pois além do Estado Novo traduzir o fim do liberalismo e perseguir tenazmente o movimento das esquerdas, ele aparentemente representa a implantação de certas ideias integralistas – a do corporativismo, por exemplo.¹⁷

O que torna compreensível a indefinição de Salgado, mesmo após o decreto de 3 de dezembro que proibiu as atividades dos partidos políticos, dentre os quais as da própria AIB. Salgado tentou uma medida de conciliação, criando a Associação Brasileira de Cultura, através da qual pretendia congregar os integralistas sem assumir abertamente uma finalidade política,¹⁸ mas esta foi igualmente proibida, assim como toda imprensa Integralista, ainda em dezembro de 1937. O cancelamento do registro da AIB foi complementado por “uma campanha sistemática contra os camisas-verdes. Sedes locais da AIB foram fechadas, reuniões impedidas e, em vários casos, membros do partido encarcerados”.¹⁹ Chasin dimensiona a situação delicada em que Salgado se encontrava, pois

Aceitar o ministério, nas circunstâncias, seria configurar verdadeiramente uma traição. Não aceitá-lo era confessar um malogro

informava sobre uma manifestação pública em apoio a Vargas, realizada já sob o Estado Novo. Cinco mil crianças desfilam em continência ao Presidente da República e ao sr. Plínio Salgado. *O Povo*, Rio de Janeiro, 25.11.1937, p. 1.

17 CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. 5ed, Rio de Janeiro: Bertrand, 1988, p. 198.

18 Apenas quatro dias depois do cancelamento do registro da AIB, o jornal *O Povo* anunciava a fundação da Associação Brasileira de Cultura. Já estão aprovados os estatutos da nova organização que vai substituir o Integralismo. *O Povo*, Rio de Janeiro, 7.12.1937, p. 1.

19 HILTON, *Op. cit.*, p. 52.

e assumir o papel de vítima de um engodo. A única alternativa que sobrou para Salgado foi continuar insistindo na mútua vantagem de uma articulação.²⁰

Desta forma, “apesar de ‘alijado’ ou enganado, mas sobretudo usado e neutralizado, Salgado ainda se empenha em manter as portas abertas para eventuais entendimentos com Vargas”.²¹ De acordo com Carone, “o rompimento de Plínio Salgado, mais tardio, dá-se em fins de janeiro de 1938. Antes ele procura desesperadamente se aproximar de Getúlio”.²² O rompimento, de fato, criou uma situação de extremo isolamento aos integralistas, jogados na clandestinidade, com sua imprensa proibida e parte de sua militância simpática à ditadura. Irschlinger relata diversos casos de declarações de lideranças regionais do Integralismo no norte do Rio Grande do Sul anunciando que deixaram o movimento ou mesmo renegando-o abertamente,²³ e é provável que o mesmo tenha ocorrido em todo o país. Assim, o Integralismo encontrava-se, naquele momento, derrotado, dividido e sem capacidade de iniciativa. Situação que o levaria, poucos meses depois, à opção pela ação armada.

Da Intentona Integralista ao exílio de Plínio Salgado

Mesmo na clandestinidade, nos primeiros meses de 1938 o Integralismo seguia contando com uma certa organização interna. De acordo com Silva e Carneiro, “a Ação Integralista Brasileira guardara seus arquivos, preservara a sua estrutura, e mantivera – sob a clandestinidade – a Milícia que fizera desfilar a 1º de novembro, frente ao futuro ditador

20 CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2ed, Belo Horizonte: UMA Editora / São Paulo: Ad Hominem, 1999, p. 153.

21 Idem, p. 152.

22 CARONE, *Op. cit.*, p. 197. Evidentemente, os motivos do rompimento não são os que Salgado afirmaria posteriormente, em outro contexto político, como, por exemplo, sua suposta recusa a apoiar um regime “que teria de funcionar (como de fato funcionou) sem um dos elementos indispensáveis a configuração dos regimes democráticos: o poder legislativo”. SALGADO, Plínio. *Manifesto diretiva aos integralistas brasileiros*. Porto Alegre: s./ed, 1945.

23 IRSCHLINGER, *Op. cit.*, p. 209-210. Dentre os autores destas declarações encontram-se as duas principais lideranças da AIB no norte gaúcho: o chefe municipal de Passo Fundo, Willy Neuhaus, e o governador regional da AIB, Hugo Loureiro Lima. Várias dentre estas declarações, como a de Neuhaus, são anteriores à chamada Intentona Integralista, quando a repressão aos integralistas se intensificou.

para animá-lo a dar o golpe”.²⁴ Tais condições davam ao movimento possibilidade de engajamento em uma articulação para a derrubada de Vargas, o que fez por duas ocasiões, em março e maio de 1938. O primeiro deles, menos conhecido, teve a liderança dos integralistas Fernando Cochrane e Francisco Barbosa, foi desencadeado a 11 de março, e sua execução foi desastrosa, em virtude da uma ordem falsa:

O que houve foi um alarme falso, mas desconhecendo a contra-ordem, os grupos de conspiradores se dirigiram para os locais estabelecidos prontos para o ataque: o edifício dos Correios e Telégrafos, as usinas geradoras de eletricidade, a Rádio Mayrink Veiga e a Escola Naval. (...) Os tenentes Jatir de Carvalho Serejo e Arnoudo Hasselman receberam mensagem do tenente Francisco Barbosa alertando-os de que o movimento revolucionário seria deflagrado naquela noite. Foram informados ainda que um grupo de guardas-marinhas iria tentar ingressar na sede da Escola Naval, na ilha das Enxadas, onde se apoderariam de armamentos que seriam distribuídos aos civis espalhados no cais do porto e adjacências. Serejo ofereceu-se para acompanhá-los. No cais dos Mineiros o grupo tomou uma lancha, solicitada por Serejo à própria Escola Naval, e invadiu a escola, obtendo a adesão de vários marinheiros e prendendo alguns que tentaram resistir. Depois de dominar a ilha e recolher à lancha farta munição, Serejo recebeu um telefonema de Hasselman, do Ministério da Marinha, dizendo que “desse volta” no serviço, pois a ordem para a deflagração do levante era falsa. Restituiu então as armas e a liberdade aos fuzileiros e regressou à terra firme. No dia seguinte foi preso, permanecendo incomunicável por 15 dias, após o que respondeu a dois inquéritos policial-militares.²⁵

Já naquele momento, a conspiração era resultado de uma articulação entre “liberais” e integralistas, com a participação direta de Otávio Mangabeira e Euclides Figueiredo, que “tiveram suas atividades descobertas pela polícia” e foram presos.²⁶ A repressão governamental teria envolvido “pequeno número de implicados e grande número de inocentes”, com o que “os acontecimentos de 11 de março não prejudicaram o andamento da conspiração e a existência de um segundo golpe”.²⁷

24 SILVA & CARNEIRO, *Op. cit.*, p. 59.

25 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós 1930*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. p. 4993.

26 CARNEIRO, Glauco. *História das revoluções brasileiras*. 2ed, Rio de Janeiro: Record, 1989, p. 364.

27 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4994.

A insurreição de maio de 1938 ficou conhecida como “Intentona Integralista”, a despeito da participação de diversas lideranças “liberais” em sua articulação e execução. É difícil saber as condições do acordo estabelecido entre integralistas e “liberais” que tornou possível a ambos empreenderem conjuntamente uma conspiração. Além disso, há controvérsias no que se refere à direção efetiva do movimento. Glauco Carneiro sustenta que, “embora tenha passado à história com o nome de Integralista, o movimento revolucionário de 11 de maio de 1938 originou-se de uma ampla conspiração de liberais, a que alguns camisas-verdes só aderiram quando viram fechada a Ação Integralista Brasileira”.²⁸ Hélio Silva considera que

A revolta contra Vargas foi um movimento a que trouxeram seu apoio os integralistas. (...) O próprio chefe Integralista redigiu uma norma definindo os objetivos do movimento: restauração da Carta Constitucional de 1934. (...) O movimento de 1938 não foi planejado nem dirigido nem realizado pelos integralistas.²⁹

A posição de Silva é criticada por Carone:

A afirmação de Hélio Silva de que a revolta de maio de 1938 é liberal e ‘a que trouxeram seu apoio os integralistas’, me parece duvidosa. Os últimos é que possuem quadros e organização e não iriam entrar em nenhuma aventura para reimplantar a Constituição de 1934, como afirma falsamente Plínio Salgado, opinião que Hélio Silva aceita totalmente.³⁰

As informações disponíveis conduzem a uma posição intermediária, evidenciando que lideranças integralistas e também “liberais” participaram ativamente no movimento. Por um lado, é evidente que a direção Integralista envolveu-se diretamente na articulação, desmentindo a versão de Glauco Carneiro quando este reduz sua participação a “alguns camisas-verdes”. Como afirmam Hélio Silva e Maria Cecília Carneiro,

Plínio Salgado sabia, estava acompanhando os fatos, alegrou-se com as primeiras notícias favoráveis, desesperou-se quando soube do fracasso. Um depoimento por nós ouvido de Francisco San Tiago Dantas

28 CARNEIRO, op.cit., p. 358.

29 SILVA, Hélio. 1938: Terrorismo em campo verde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 147-148.

30 CARONE, *O Estado Novo*, Op. cit., p. 202-203.

acrescenta que Plínio redigiu um depoimento para que ele lesse no Rio de Janeiro, logo que saísse vitorioso o movimento.³¹

Por outro lado, deve-se reconhecer também a participação de importantes lideranças “liberais”:

O plano articulava o General Castro Júnior e o grupo civil, integrado pelo proprietário de *O Estado de São Paulo*, Júlio de Mesquita Filho, pelo ex-governador do Rio Grande do Sul, José Antonio Flores da Cunha, que, exilado no Uruguai desde a decretação do Estado Novo, enviava dinheiro para os gastos militares – os cem mil cruzeiros que remetera de Montevideú foram empregados para pagar o aluguel da casa da Avenida Niemeyer -, Armando de Sales Oliveira e Otávio Mangabeira, este último preso no Hospital da Polícia Militar, após ter sido transferido da Casa de Correção.³²

Severo Fournier, que liderou o ataque ao Palácio Guanabara, sustentava que Eduardo Gomes também participava da conspiração, mas “decidiu abandonar o movimento, justamente na sua antevéspera”.³³ O General Castro Júnior também confirmou ter sido o comandante militar do movimento.³⁴ Já Euclides Figueiredo confessou sua participação no movimento e foi condenado a quatro anos de prisão.³⁵ Assim, não é correto minimizar a participação dos integralistas, mas também é necessário reconhecer a participação destacada de não-integralistas, autoproclamados “liberais”.

Diversos fatores indicam que a conspiração poderia ter obtido êxito, ainda que esta hipótese pareça improvável após sua derrota. Em primeiro lugar, apesar do fracasso da conspiração de março, naquele momento “ninguém esperava um levante integralista”,³⁶ de tal

31 SILVA & CARNEIRO, *Op. cit.*, p. 65. Segundo Carone: “Belmiro Valverde define com precisão a sua falta de caráter quando diz que Plínio Salgado ordenou o levante de 11 de maio de 1938: ‘vencidos, ele nos pôs de lado; vencedores, haveria de querer surgir como grande Messias, o Homem do Destino. Comecemos para ele o pecado de não ganhar a partida’”. CARONE, *Op. cit.*, p. 119-201.

32 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4994.

33 Apud: NASSER, David. *A revolução dos covardes*: diário secreto de Severo Fournier. 2ed, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1947, p. 94.

34 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4993-5000.

35 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4993-5000.

36 ALVES, *Op. cit.*, p. 124.

maneira que “o Palácio estava sem defesa”, situação que perdurou até “por volta das duas horas”.³⁷ Além disso, os revoltosos contavam com aliados em posições decisivas na noite da conspiração, como a chefia da Guarda do Palácio Guanabara, a cargo do tenente Integralista Júlio do Nascimento, a chefia da Guarda na Polícia Civil, a cargo do tenente Soter, e com vários oficiais de serviço na Marinha e no Exército. Além disso, “segundo os planos formulados pelos conspiradores (...), o movimento envolveria dois mil integralistas e seiscentos homens comandados por Fournier”.³⁸

A execução da ação conspiratória, no entanto, foi completamente desastrosa para os revoltosos, nas várias frentes previstas em seu plano. No assalto ao Palácio – principal ação militar do movimento –,

Houve uma série de contratempos. Dos 150 homens previstos para tal missão, somente 30 se apresentaram. O transporte também falhou. (...) Nessas condições, o ataque se limitou aos jardins do palácio, onde foi travado um combate de algumas horas entre os revoltosos e um grupo de familiares e funcionários mais próximos a Vargas.³⁹

Também a detenção de autoridades fracassa em sua quase totalidade: das diversas autoridades que deveriam ser detidas, apenas o General Canrobert Pereira o foi. Dutra, Góes Monteiro, Francisco Campos e outros escaparam por diversos motivos, incluindo-se a simples deserção dos responsáveis. O fracasso da detenção de Góes Monteiro deve-se ao prosaico motivo de que o responsável pela ação “perdera a chave com que deveria abrir a porta da casa de Góes”.⁴⁰ Já o Almirante Hasselman chegou a fazer um pronunciamento radiofônico anunciando “já haver sido instalada uma junta governativa”.⁴¹ Há um relativo consenso entre os analistas ao apontar como motivo principal do fracasso da conspiração a deserção de grande parte dos envolvidos na conspiração,⁴² aliado a equívocos que comprometeram

37 CARNEIRO, *Op. cit.*, p. 373.

38 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4994.

39 Idem, *ibidem*, p. 4994.

40 Cf. ALVES, *Op. cit.*, p. 121.

41 HASSELMAN, ARNOLDO. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 2737.

42 O almirante Cochrane, por exemplo, não assumiu o posto que lhe tinha sido designado, e justificou “dizendo que aguardara infrutiferamente no bar do Palace Hotel, com um grupo de oficiais, a comunicação do general Castro Júnior, para assumir seu posto e desembarcar os contingentes que ajudariam a missão de Fournier”. CARNEIRO, *Op. cit.*, p. 368.

as ações desencadeadas. Segundo Glauco Carneiro, “O levante fracassou pela omissão de muitos dos que se haviam comprometido com o movimento. (...). As coisas correram mal desde o início em todos os setores, com raríssimas exceções”.⁴³ Na avaliação de Ivan Alves, “fora abortada, por inexperiência, covardia e omissão, uma Noite de São Bartolomeu sem precedentes na história deste País”.⁴⁴ Carone afirma que “tudo parece preparado, mas a covardia e o medo dos integralistas levam o movimento ao fracasso”.⁴⁵

Os relatos de algumas lideranças do movimento – como o Integralista Belmiro Valverde e o Tenente Severo Fournier – ressaltam a desorganização do levante e as deserções de grande parte dos responsáveis. Belmiro Valverde por diversos anos sustentou a versão Integralista de que o fracasso do movimento se devera à “precipitação” de Severo Fournier,⁴⁶ mas mudou seu relato ao romper com o Integralismo nos anos 50, afirmando que “muitas das pessoas que conosco conspiraram falharam na hora H. Oficiais comprometidos não compareceram a seus postos de combate; civis, valentes quando das discussões e planejamento, sumiram no momento de perigo”.⁴⁷ Fournier, por sua vez, responsabilizou os integralistas pelo fracasso, atacando-os violentamente:

Infeliz movimento! Examinando-se bem o desenrolar dos acontecimentos, onde só se encontra indignidades sobre indignidades, podridão moral sobre podridão moral, ver-se-á que outro não podia ser seu resultado. Desde o Chefe Nacional, quintessência das coisas excrescenciais, dos pusilânimes com escala por seus ‘sápatras’, ‘centuriões’ e ‘legionários’, ou outras denominações gregas ou românicas que tivessem, vai uma série imensa de homens desvirilizados, desbriados, covardes (...).⁴⁸

De acordo com sua versão, “das setenta e muitas missões que se compunha o plano, na maioria simples e sem o menor perigo, apenas

43 Idem, *ibidem*, p. 358 e 366.

44 ALVES, *Op. cit.*, p. 157.

45 CARONE, *Op. cit.*, p. 203.

46 De acordo com Hélio Silva: “O movimento fracassou porque muito dos que se haviam comprometido falharam. Houve conveniência em salvar o chefe para preservar a mística. O próprio Belmiro, durante muito tempo, ajudou essa versão, exonerando Plínio de qualquer responsabilidade. Convencionou-se que houvera precipitação e só por isso falhara a revolução”. SILVA, Hélio. *Op. cit.*, p. 244.

47 ALVES, *Op. cit.*, p. 112.

48 Diário secreto de Severo Fournier. In: NASSER, *Op. cit.*, p. 67.

puderam tomar certo caráter de execução as seguintes – assalto ao Guanabara, tomada do Ministério da Marinha, prisão de um coronel, e essas, assim mesmo, com ressalvas”.⁴⁹

Já a versão dos integralistas sobre o movimento modificou-se diversas vezes, de acordo com as conveniências. O primeiro pronunciamento público de Salgado se deu em 1945, afirmando que “não houve revolta Integralista em maio de 1938, e sim uma revolta de vários partidos, cuja chefia não era do Integralismo”, acrescentando que “foi apenas um pequeníssimo número de integralistas que tomou parte da rebelião, à revelia do chefe do seu partido”.⁵⁰ Desta forma, pretendia

De uma vez por todas acabar com essa história de denominar ‘revolta integralista’ a rebelião de 11 de maio de 1938”, sustentando que “tratava-se de um movimento nacional extreme de intuítos partidários, em que se aproveitava o concurso do Integralismo, à época ferozmente perseguido”.⁵¹

Alguns anos depois, Salgado abandonou a versão de que não participara do movimento, acentuando a tese de que o fracasso seria resultado exclusivo da precipitação de Fournier:

Essa nossa [sic] Revolução seria em final de maio e não em 10 de maio. Um grupo do Rio de Janeiro, instigado por um oficial já falecido (cuja figura foi o motivo central da reportagem do sr. David Nasser) precipitou os acontecimentos sem consultar-me, e em 10 de maio fez irromper uma revolta na Capital da República.⁵²

Nesta nova versão, Salgado colocava-se como efetivo chefe do movimento: “A minha autorização, não apenas ao sr. Valderde, mas aos chefes integralistas do DF, era no sentido de articular, preparar e aguardar, e nunca decidir sobre a forma de ação, e nem sobre a data da sua execução”.⁵³ Em discurso em 1959, Salgado qualificou os integralistas mortos na ação como “mártires da democracia”, “assassinados e

49 Idem, *ibidem*, p. 101.

50 SALGADO, Plínio. *Manifesto... Op. cit.*, p. 19.

51 A revolta de Maio de 1938. In: SALGADO, *O Integralismo brasileiro perante a nação*, *Op. cit.*, p. 107 e 109.

52 Plínio Salgado na TV Tupi. A Marcha, Rio de Janeiro, 23.10.1953, p. 1 e 3.

53 Desfeita, para sempre, uma calúnia contra o Integralismo. *A Marcha, Rio de Janeiro*, 29.5.1953, p. 9.

derramado seu sangue para a implantação das ideias democráticas e de uma democracia verdadeira representativa dos anseios da Nação”⁵⁴ Hélio Silva aponta a contradição de Salgado, ao reclamar que a operação teria sido desencadeada sem sua autorização, ao mesmo tempo em que afirmava que o comando militar era exclusivamente dos liberais, a cargo do General Castro Júnior.⁵⁵

Ao fracasso da insurreição seguiu-se uma violenta repressão governamental: “cerca de 1.500 pessoas foram detidas, entre integralistas e partidários de outros credos políticos”.⁵⁶ De acordo com Heloísa Menandro, “as condenações atingiram cerca de trezentos integralistas, muitos deles sentenciados a dez anos de prisão”.⁵⁷ A repressão, no entanto, foi claramente seletiva:

A repressão ao Integralismo se concentrou nos baixos escalões, ao passo que os líderes da extinta AIB permaneceram livres ou foragidos. (...) Enquanto se processavam as condenações, os cabeças do Sigma – Plínio Salgado e Gustavo Barroso – ficaram excluídos do processo por falta de provas. A polícia declarava não encontrar o paradeiro de Salgado, refugiado em São Paulo desde o levante de março de 1938. Finalmente preso pela interferência direta do general Eurico Gaspar Dutra junto ao interventor em São Paulo, Adhemar de Barros, Salgado conseguiu ser liberado três dias depois. Somente em maio de 1939, um ano após o levante, Vargas resolveu decretar seu exílio e Salgado foi enviado à fortaleza de Santa Cruz e de lá para Lisboa.⁵⁸

Ainda em maio de 1939, antes de sua partida ao exílio, Salgado lançou um Manifesto aos integralistas recomendando explicitamente que se submetessem à ordem vigente:

Julgo oportuno orientar todos quantos comungam comigo em tais ideias. Faço-o, recomendando-lhes, na hora presente, **que se abstenham de quaisquer agitações subversivas de caráter político, perturbadoras da ordem pública.** (...). Diante do momento inter-

54 SALGADO, Plínio. Os mortos da Revolução de 1938, 5.7.1959. In: *Discursos Parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982, p. 456;

55 SILVA, Hélio. *Op. cit.*, p. 242.

56 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4995.

57 Idem, *ibidem*, p. 4995. Em uma versão fantasiosa, Salgado chegou a afirmar que a repressão desencadeada teria levado à “pela prisão de mais de cinquenta mil pessoas”. SALGADO, Plínio. *Livro verde de minha campanha*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956, p. 114. Uma correspondência enviada a Salgado no início de 1946 informava que no presídio de Ilha Grande encontravam-se detidos naquele momento 96 integralistas. Correspondência a Plínio Salgado (remetente ilegível), 2.1.1943 (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro – APHRC - Pi 43.01.02/1).

58 REVOLTA INTEGRALISTA. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 4995.

nacional e dos perigos que ameaçam nossa Pátria, direi, para que não caia sobre mim um dia a acusação de haver concorrido para a subversão da ordem e as divisões dentro do país: uni-vos, brasileiros, respeitando as autoridades constituídas, e não perturbando, de forma alguma, a ordem pública.⁵⁹

O Manifesto teve ampla circulação, sendo publicado nos principais jornais.⁶⁰ A subordinação de Salgado à ditadura varguista fica evidente em também em uma correspondência enviada ao Ministro da Guerra Eurico Dutra, colocando “sob a égide do Exército, na minha ausência, a grande massa civil, nacionalista, espiritualista, anticomunista, arrebatada por uma incomparável mística da Pátria”.⁶¹ Durante os anos seguintes, já no exílio, Salgado reafirmaria esta posição subordinada, manifestando reiteradamente sua disposição em apoiar o governo brasileiro, ao mesmo tempo em que procurava caminhos para estabelecer um acordo com Vargas, como discutiremos adiante.

Plínio Salgado em Portugal (1939-1946)

As condições que envolveram a ida de Salgado ao exílio, em junho de 1939, são controversas. Em todos os momentos, ele negou ter recebido ajuda financeira da ditadura, alegando que “embarcaram-nos num navio, sem um tostão no bolso”.⁶² Relatou sua versão em carta enviada a um líder Integralista do Rio Grande do Sul, em 1947:

Em 1939, depois de minha primeira prisão, o Interventor de São Paulo, Adhemar de Barros, transmitiu-me a oferta do Presidente Vargas para que eu aceitasse um lugar de Ministro Plenipotenciário num dos países da Europa, mas também não aceitei. Voltou, dias depois, o interventor Adhemar, com a “sugestão” do Presidente Vargas para que eu me retirasse do país por algum tempo. Respondi que, sendo pobre, não poderia fazer uma viagem dessas de improviso, sendo necessário que recorresse a amigos para obter os meios de viajar. Mas o Interventor retrucou dizendo que o Presidente faria pôr à minha disposição, no Banco do Brasil, a importância de que eu necessitasse e que também ele, Adhemar, tratando-se de um brasileiro ilustre, não queria que São Paulo ficasse alheio ao caso, e que,

59 Manifesto de Maio. In: SALGADO, Plínio. *O Integralismo... Op. cit.*, p. 113-117.

60 Cf. SILVA, Hélio. *Op. cit.*, p. 335. Grifo meu.

61 Carta de Plínio Salgado ao Ministro da Guerra em maio de 1939. In: SALGADO, O *Integralismo... Op. cit.*, p. 120.

62 SALGADO, *Despedida do parlamento*. Discurso proferido na sessão de 3 de dezembro de 1974. Brasília: Centro de Documentação e Informação, 1975, p. 11.

portanto, eu poderia contar com o auxílio financeiro do governo paulista. Respondi lhe que não aceitava nem o auxílio federal nem o estadual e apenas pedia prazo para pedir socorro financeiro aos meus amigos, já que se impunha a minha saída do país. Dias depois, sem que eu tivesse tempo de ultimar minhas providências, fui preso, remetido à Fortaleza de Santa Cruz, e dali embarcado para a Europa, sem dinheiro e sem roupa, em companhia de minha mulher. Um grupo de amigos de São Paulo e outro do Rio promoveram uma subscrição que me acudiu nos primeiros tempos do Exílio. Depois, organizou-se um socorro permanente, ao qual acrescentei, para minha manutenção em Portugal, honorários por direitos autorais auferidos naquele país, os quais montaram, em sete anos, a cerca de duzentos contos. Assim vivi, até o presente, rejeitando todos os oferecimentos que me foram feitos.⁶³

Durante todo seu exílio em Portugal, Salgado foi acompanhado de sua esposa, e também de seu secretário particular, condição bastante peculiar para um exilado, o que reforça a possibilidade de recebimento de auxílio governamental, hipótese sustentada por Carone, para quem “Vargas exila Plínio Salgado em Portugal, concedendo-lhe auxílio financeiro durante os anos em que lá permanece”.⁶⁴ No arquivo político de Salgado, encontra-se um balanço de Caixa, datado de abril de 1946 e referente aos 82 meses de seu exílio, que traz mais um indício de que recebia auxílio governamental: para além do registro das verbas enviadas pelos integralistas, há a indicação de expressivo montante que teria sido “Recebido por intermédio de D. Rosa Lins Albuquerque, a partir de 30.9.42 até 10.6.45”. Por esta rubrica, teriam sido recebidos 699\$800\$00⁶⁵, o que representa mais

63 Correspondência de Plínio Salgado a Mansueto Bernardi, 20.1.1947 (APHRC-Pprp 20.01.47).

64 CARONE, Edgard. A crise do Estado Novo e a recuperação das esquerdas (1942-1945). In: *Brasil Anos de crise. 1930-1945*. São Paulo: Ática, 1991, p. 310. Em outro texto, Carone reafirma que “o governo lhe dá, durante todo o tempo que permanece em Portugal, uma mesada”. CARONE, *O Estado Novo, Op. cit.*, p. 208. Também Geneton de Moraes Neto sustenta esta posição, baseado em um dossiê britânico. MORAES NETO, Geneton. A caça aos papéis perdidos. In: MORAES NETO, Geneton & SILVEIRA, Joel. *Nitroglicerina pura*. 2ed, Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 58.

65 A atualização monetária deste valor, considerando a data de junho de 1945, para abril de 2010, indica um montante de R\$ 1.022.259,12. Ainda que tal atualização deva ser tomada com precaução, por tratar-se de período longo, é nítido que trata-se de montante muito expressivo. A atualização monetária foi feita de acordo com o situ da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul que permite atualização de valores de acordo com a variação do Índice Geral dos Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://www.fee.rs.gov/sitefee/pt/content/servicos/pg_atualizacao_valres.php. Acesso em: 12 ago. 2010.

de 50% do total contabilizado, de 1.283\$565\$00. A pessoa referida era a esposa do secretário particular de Plínio, o que indica que a forma do registro visava omitir a fonte, ao contrário dos valores provenientes das remessas dos integralistas, que eram registrados de forma detalhada.⁶⁶

Entre 1939 e 1943, Salgado lançou diversos manifestos aos integralistas, todos eles pautados pela tentativa de reaproximação com Vargas, ainda que para isto tenha tido que assumir “uma orientação indefectível de apoio ao governo Vargas”.⁶⁷ Parece-nos bastante precisa a avaliação de José Nilo Tavares sobre o significado desta posição:

Que melhor auxílio poderia Plínio Salgado prestar à ditadura estadonovista, nascente, para seus oito anos de vida. Essa renúncia, essa resignação ou expressariam uma tática política de protelação para aproveitamento posterior, ou então a abjuração da própria política.⁶⁸

O tom de “ordem e serenidade” e de apelo por uma “união nacional”, estabelecido em seu manifesto de maio de 1939, marcou também uma Diretiva enviada em setembro do mesmo ano, na qual Salgado manifestava aos líderes integralistas no Brasil sua expectativa de uma reconciliação próxima com Vargas:

Não acho impossível face momento mundial seja promovida confraternização todos elementos políticos brasileiros torno algumas modificações governo pretexto pacificar país. Convém ouvir elementos liberais sobre esta possibilidade, a fim não fazermos pazes

66 Nas despesas estão discriminadas verbas para a manutenção de Plínio e sua esposa (367\$307\$95), seu secretário Hermes Lins de Albuquerque e sua esposa (276\$850\$00), despesas com expediente diversas (189\$870\$00), além de valores menores, gastos com móveis ou repassados a integralistas presos ou exilados. Cf: Caixa: Situação em 31 de março de 1946. Lisboa, 2.4.1946 (APHRC Ppio2.04.46). Em carta enviada ao genro Loureiro Júnior em outubro de 1939, Salgado reclamava que o dinheiro enviado do Brasil era insuficiente para sustentar cinco pessoas, já que, além dos dois casais, estaria custeando as despesas de Lauro Barreira. Cf. Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 21.10.1939 (APHRC-Pi 21.10.39). O nome de Barreira está relacionado no Balanço de caixa, com a despesa de 49.474\$20, entre agosto de 1939 e setembro de 1941.

67 PLÍNIO SALGADO. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 5204.

68 TAVARES, *Op. cit.*, p. 217. A respeito da subserviência do Integralismo em relação a Vargas durante o Estado Novo, ver também CALIL, Gilberto & SILVA, Carla Luciana. O Integralismo e o Estado Novo. In: PADROS, Enrique, RIBEIRO, Luis Dario & GERTZ, René. *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História / CDAIBPRP, 2000. p. 125-139.

Getúlio em separado, mas conjuntamente caso necessário interesse nacional.⁶⁹

Em carta enviada ao genro Loureiro Júnior, Salgado se mostrava ainda mais esperançoso de um acordo com Vargas em breve, chegando a planejar uma transferência para Buenos Aires:

Começou a grande guerra. As edições dos jornais sucedem-se e os rádios gritam as notícias, crescendo a superexcitação popular. Os acontecimentos precipitam-se de hora em hora.(...) O que mais me aflige é imaginar que ficarei sem comunicações com o Brasil. Sem notícias da família, sem meios de avisar aos amigos de minhas aperturas, talvez sem recursos e, o que é pior, sem poder, com o desenvolvimento das hostilidades no mar, não se sabe quantos anos, regressar, caso o governo brasileiro atendendo às circunstâncias mundiais, resolva correr um véu sobre o passado, permitindo o regresso dos filhos dessa Pátria, numa hora angustiada para todos. (...) Desde agora, emitir opiniões contrárias aos interesses ingleses é muito incômodo. Temos de ouvir tudo caladinhos. E o país ainda não está em guerra. Isso tudo me leva a pensar na possibilidade de minha ida, com os companheiros, para a Argentina, via Estados Unidos. Ali teremos comunicações postais com a família; ali poderemos receber auxílios mais facilmente, ali estaremos num ambiente mais desinteressado e **ali poderemos ouvir a palavra do governo brasileiro, caso ele queira a colaboração de todos os patricios na obra de unidade nacional**, em face da situação externa.⁷⁰

No ano seguinte, Salgado teria sido procurado por um emissário de Vargas:

Em agosto de 1940, recebeu em Lisboa a visita do general Francisco José Pinto, que teria manifestado, em nome de Vargas, a intenção de contar com a colaboração dos integralistas no governo. Na ocasião ficou acertado que Gustavo Barroso, que também se encontrava em Lisboa, representaria Salgado nos entendimentos com Vargas.⁷¹

69 Diretiva do Chefe Nacional do Integralismo Plínio Salgado aos integralistas brasileiros em 5 de setembro de 1939. In: SALGADO, *O Integralismo...* *Op. cit.*, p. 125.

70 Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 4.9.1939 (APHRC-Pi 04.09.39). Grifo meu. O plano de transferência para a Argentina é referido em outra correspondência a Loureiro, em 14.10.1939, e em 21.10.1939 Salgado escreveu a sua filha Maria Amélia Loureiro que mudara de ideia, planejando transferir-se ao Uruguai.

71 PLÍNIO SALGADO. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 5204

Ainda em 1940, Salgado relatou as negociações a Raymundo Padilha, afirmando que o general Pinto perguntara se ele, “no caso de ser convidado a tomar parte no Governo, aceitaria ou rejeitaria”, ao que teria respondido “que estava disposto a tomar parte do governo do Brasil, dentro dos meus pontos de vista, já manifestados em 1937, 1938 e 1939”.⁷² No início de 1941, enviou Carta Credencial a Barroso para que o representasse nas negociações, autorizando-o a “encaminhar soluções favoráveis aos nossos objetivos, receber a forma final e definitiva das propostas e, sob o maior sigilo, dar-me urgentemente conhecimento das mesmas, afim de que eu possa assumir a responsabilidade pessoal e total da decisão”.⁷³ Loureiro Júnior também participava das negociações, tendo se encontrado com Benjamin Vargas.⁷⁴ Esta negociação prolongou-se por alguns meses, mas gerou poucos resultados concretos. De acordo com Chasin, “afora pequenos favores obtidos em benefício de integralistas mal situados em função dos acontecimentos relativos à intentona, nada de significativo o Integralismo obterá de Vargas, seja no plano político, seja no plano ideológico”.⁷⁵ O andamento das negociações estimulou Salgado a enviar um novo manifesto, levando ao extremo sua subordinação:

Os fundamentos ideológicos da doutrina Integralista são, em parte, os mesmos que inspiraram a Constituição de 10 de Novembro de 1937. (...). Não houve divergências, quanto a certas bases doutrinárias, entre o Integralismo e o regime que presentemente vigora no Brasil. O que se procurava solucionar, em fins de 1937 e princípios de 1938, em sucessivas ‘démarches’ com o governo, era a forma de realização Integralista da nova ordem. Tanto é verdade não haver diferença entre a nossa doutrina política e a que em parte inspira o atual regime brasileiro, que uma a uma das aspirações políticas integralistas estão sendo realizadas pelo Estado Novo. A abolição das bandeiras estaduais, a extinção dos partidos regionais, a supressão do sufrágio universal, a restrição das autonomias estaduais, a federalização das milícias dos estados, as leis de assistência e amparo aos

72 Carta de Plínio Salgado a Raymundo Padilha em 20 de agosto de 1940. In: SALGADO, *O Integralismo... Op. cit.*, p. 131.

73 Carta credencial a Gustavo Barroso, conferida pelo Chefe Plínio Salgado em 25 de janeiro de 1941, em Lisboa. In: SALGADO, *O Integralismo... Op. cit.*, p. 137.

74 O encontro é mencionado em: Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 15.2.1941 (APHRC-Pi 15.02.41). Além disso, Loureiro relatava sua nomeação para o Colégio Universitário da Faculdade de Direito de São Paulo, informando que “minha nomeação foi recomendada pelo Presidente da República”. Correspondência de Loureiro Júnior a Plínio Salgado, s./d. (APHRC-FL 00.00.44/31).

75 CHASIN *Op. cit.*, p. 157.

trabalhadores, o fortalecimento do Poder Central - tudo isso eram pontos do nosso programa. (...). **Se, pois, ideologicamente, nada nos impede de apoiar o atual governo do Brasil, moralmente, sentimo-nos nas atuais circunstâncias levados a essa atitude, que constitui um dever.** Esse dever impõe-se em um momento em que o Brasil precisa ter à sua frente um governo fortalecido pela unanimidade da opinião nacional.⁷⁶

Os resultados produzidos pelo manifesto não foram os esperados por Salgado: “Vargas elogiou o documento na presença de Gustavo Barroso, mas proibiu sua divulgação pela imprensa”,⁷⁷ e muitos integralistas que dele tomaram conhecimento reagiram negativamente. Segundo Carone, o Manifesto “acentua publicamente, pela primeira vez aos seus adeptos menores, a dubiedade de sua ação; pois, enquanto a maioria acredita nas suas intenções e no seu papel de exilado antigetulista, na verdade, ele não é mais do que um instrumento do governo”.⁷⁸ De acordo com Brandi, “muitos integralistas não se conformaram com os termos do Manifesto, enquanto outros duvidaram de sua autenticidade”.⁷⁹ embora parte dos integralistas o tenha apoiado.⁸⁰ Em outubro de 1941, Barroso informava a Salgado que as negociações estavam paralisadas e recomendava um apoio ainda mais explícito: “se me permite uma palavra, dir-lhe-ei que acho necessário a efetivação desse apoio (...). Poder-se-ia fazer isso com uma parada telegráfica

76 Manifesto de Setembro de 1941, dirigido pelo Chefe Plínio Salgado aos integralistas do Brasil e no qual fez elogiosas referências ao Presidente Getúlio Vargas. In: SALGADO, Plínio. *O Integralismo...* Op.cit p. 144-145. Grifos meus.

77 PLÍNIO SALGADO. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 5204. Tavares sugere que a aproximação com Salgado constituía manobra tática de Vargas para melhor negociar com os Estados Unidos: “O manifesto de Plínio, contudo, tem a sua divulgação vetada por Vargas. (...) O veto reforça a hipótese de que o namoro de Vargas com Plínio, alcovitado pelo General Pinto e Gustavo Barroso, fazia parte de sua tática de simular uma aproximação com o Eixo, a fim de obter maiores vantagens em suas negociações com os americanos, na implantação de projetos industriais”. TAVARES, *Op. cit.*, p. 224.

78 CARONE, O Estado Novo, *Op. cit.*, p. 210-211.

79 PLÍNIO SALGADO. In: ABREU, Alzira et alii. (orgs.) *Op. cit.*, p. 5204.

80 Uma correspondência enviada por integralistas de Araraquara, assinada por 82 signatários, informava: “Reunidos para ouvir a leitura do Manifesto de setembro em que nos mandaste apoiar o Presidente Vargas, vibramos de emoção diante do vosso patriotismo, incompreendido dos maus. Hoje, vosso aniversário, aqui estamos para vos dizer que vos obedecemos na vida e na morte”. Correspondência de integralistas de Araraquara a Plínio Salgado, 22.1.1942 (APHRC-Pi 42.01.22/4). Na mesma época, Salgado recebeu diversas outras correspondências com conteúdo semelhante, o que evidencia que ao menos uma parcela dos militantes acatou a nova diretiz.

de apoio ao presidente, de modo a demonstrar a vida de uma massa disciplinada por detrás da palavra de seu chefe”.⁸¹ Salgado respondeu reafirmando seu apoio ao governo, considerando desnecessária nova manifestação:

Meu caro Padilha, o meu manifesto de setembro está de pé. Não será preciso dizermos mais nada. Depois do que ali escrevi e fiz circular, cumpre-nos guardar completo silêncio, ao mesmo tempo em que devemos dar àquelas palavras uma vida real, pelas nossas atitudes e pela nossa maneira de agir. (...) Resumindo, nossa palavra é o Manifesto; aproximem-se do governo e colaborem com o Felinto e com o Exército na vigilância contra o comunismo, alertem a todas as pessoas de responsabilidade contra esse terrível perigo; unam-se na mais íntima comunhão de sentimento e pensamento; meditem profundamente pedindo a Deus que me faça compreendido pelo que falo e muito mais pelo que deixo de falar.⁸²

No Brasil, os integralistas movimentavam-se no sentido de fundar uma “Legião Nacionalista”, cuja pretensão era “ser o embrião do Partido Único de que tanto necessita o Brasil e que em breve poderia devido nossa influência se tornar o melhor sustentáculo do Estado Novo”.⁸³ No entanto, o prosseguimento das negociações se tornaria inviável, pois, “a guerra e seus problemas vão tornar mais difícil qualquer tentativa de dar foro de legalidade ou simpatia ao Integralismo. (...) A entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942, obriga governo e cúpula Integralista a recuarem”.⁸⁴ Salgado, passava então a se apresentar como “democrático”, reafirmando seu apoio a Vargas. Um manifesto enviado a Vargas pelas principais lideranças integralistas no Brasil manifestava a “solidariedade” do movimento em relação à

81 Carta de Gustavo Barroso a Plínio Salgado, dando conta de sua missão, 17.10.1941. In: SALGADO, *O Integralismo... Op. cit.*, p. 144-145.

82 Correspondência de Plínio Salgado a Raymundo Padilha, 29.1.1942 (APHRC Pi 42.01.29/3). No mesmo dia, escrevia a Loureiro, confirmando suas instruções “visando a nossa aproximação e cooperação com o Governo, sem que o Integralismo assumira uma responsabilidade como ‘partido’. Significa isso: permitirmos que qualquer dos nossos, sendo convidado pelo Governo, assumia postos. O meu Manifesto de setembro é claro: damos apoio ao Governo e confiamos nele no sentido de defender a independência, a soberania nacional, e de premunir a Nação contra o comunismo”. Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 29.1.1942 (Pi 42.01.29/2).

83 Correspondência de Olbiano de Melo a Loureiro Júnior, s./d., 1942 (APHRC Pi 42.00.00/26). Melo refere-se em sua carta ao fato de que o lançamento da “Legião” seguia plano traçado por Loureiro Júnior e Miguel Reale.

84 CARONE, *O Estado Novo, Op. cit.*, p. 211-22.

entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados, propondo-se a serem “os primeiros a nos sacrificarmos, sem distinção de classe ou idade, pela soberania nacional”.⁸⁵ Em carta a Padilha, afirmava que “a salvação do Brasil depende unicamente de uma coisa: a aliança íntima do Exército, Marinha, Polícia e elementos verdadeiramente são e nacionalistas do governo – com o Integralismo”.⁸⁶ Reservadamente, no entanto, expressava sua decepção com Vargas: “Depois do meu Manifesto de setembro, que julguei que iria alegrá-lo como expressão dos propósitos de um milhão de brasileiros, dele não veio uma só palavra de estímulo ou assentimento”.⁸⁷ Paradoxalmente, na mesma carta, voltava a manifestar esperanças, ao mesmo tempo em que se mostrava satisfeito com “pequenos favorecimentos”:

Tenho a impressão de que o Presidente – através de várias atitudes para com vocês (gentilezas com Gustavo, nomeação do Reale, intervenção no caso da remoção do Padilha, libertação do Carlos Albuquerque quando preso na Bahia, etc) **tenho a impressão de que no fundo simpatiza conosco** e nutre desejos de cooperação com os integralistas. O que é lamentável para ele e para a nossa Pátria é que misteriosas injunções [sic] jamais permitam que tal colaboração se efetive.⁸⁸

Em novembro de 1943, Salgado reafirmou publicamente seu apoio, declarando “que, nessa guerra contra as potências do Eixo, só traidores deixariam de trabalhar pela vitória de nossa Pátria e das nações suas aliadas”.⁸⁹ Daí em diante, absteve-se de novas declarações, voltando a se manifestar publicamente em 1945, já no contexto de crise do Estado Novo.

85 Na declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo. In: SALGADO, *O Integralismo... Op. cit.*, p. 155. O manifesto era assinado por Padilha, Barroso, Reale e outros 24 integralistas.

86 Correspondência de Plínio Salgado a Raymundo Padilha, 12.6.1942 (APHRC-P 42.06.12/3).

87 Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 18.6.1942 (APHRC-Fpi 42.06.16). Meses depois, Salgado cogitava a possibilidade de não obter resposta de Vargas, manifestando sua confiança no “historiador no futuro”: “Se, mais uma vez, o meu patriotismo e o de meus amigos não for compreendido e apreciado como aconteceu em maio de 39 e setembro de 41, o historiador no futuro há de nos fazer justiça ao examinar a farta documentação que estou deixando como verdadeiras pegadas da minha martirizante caminhada”. Correspondência de Plínio Salgado a Raymundo Padilha, 20.10.1942 (APHRC-Pi 42.10.20/6).

88 Idem, *ibidem*. Grifo meu.

89 Manifesto de 1943. In: SALGADO, *O Integralismo... Op. cit.*, p. 160.

Em termos gerais, evidencia-se que entre 1939 e 1945 Salgado apoiou a ditadura varguista de forma sistemática, sob pretextos os mais diversos. O completo fracasso de suas inúmeras tentativas de reaproximação e as evidentes contradições em que Salgado incorria em suas manifestações públicas certamente contribuíram para desgastar sua liderança frente aos integralistas e para a desorientação destes – em especial aqueles que padeciam nas prisões estadonovistas. Mais do que mero erro de cálculo, a postura de Salgado, apoiado pelo núcleo dirigente Integralista, revela uma evidente subordinação à Vargas e, mesmo, a incapacidade de sustentar uma perspectiva efetivamente autônoma frente aos grupos política e economicamente dominantes, organizados em torno do aparato estadonovista.